

# Analisando narrativas autobiográficas: considerações à luz da abordagem teórico-metodológica de Fritz Schütze

Analyzing autobiographical narratives: considerations in light of Fritz Schütze's theoretical-methodological approach

Renan Vieira de Santana Rocha<sup>1</sup>

Como citar esse artigo. ROCHA R.V.S. Analisando narrativas autobiográficas: considerações à luz da abordagem teórico-metodológica de Fritz Schütze. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 15, n. 1, p. 215-226, jan./abr. 2024.

## Resumo

O presente ensaio teórico-metodológico propõe-se a explorar as contribuições fundamentais da Análise de Narrativas Autobiográficas de Fritz Schütze, destacando os aprimoramentos introduzidos por Martin W. Bauer e Sandra Jovchelovitch no contexto brasileiro, além de investigar as convergências entre essa abordagem e o pensamento de Mikhail Bakhtin, desvelando as complexidades e sinergias que emergem no bojo da pesquisa com narrativas autobiográficas. Logo, metodologicamente apresentando enquanto um ensaio teórico-crítico, o estudo subdivide-se em três momentos analítico-discursivos específicos, a saber: (1º) Fritz Schütze, Mikhail Bakhtin e as Narrativas em Ciências Humanas e Sociais; (2º) Fritz Schütze e a Análise de Narrativas Autobiográficas; (3º) Considerações Teórico-Metodológicas à Luz da Abordagem de Fritz Schütze. A partir de tal traçar, conclui-se que a presente proposta teórico-metodológica pode, em muito, colaborar com as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, e coloca-se em evidência o presente estudo, como um texto referencial quanto à Análise de Narrativas Autobiográficas de Fritz Schütze.

**Palavras-chave:** Análise de Narrativas; Análise de Narrativas Autobiográficas; Pesquisa Qualitativa; Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.



## Abstract

The present theoretical-methodological essay aims to explore the fundamental contributions of Fritz Schütze's Autobiographical Narrative Analysis, highlighting the enhancements introduced by Martin W. Bauer and Sandra Jovchelovitch in the Brazilian context, as well as investigating the convergences between this approach and the thought of Mikhail Bakhtin, revealing the complexities and synergies that emerge in the midst of research with autobiographical narratives. Therefore, methodologically presenting itself as a theoretical-critical essay, the study is subdivided into three specific analytical-discursive moments, namely: (1st) Fritz Schütze, Mikhail Bakhtin, and Narratives in Human and Social Sciences; (2nd) Fritz Schütze and the Analysis of Autobiographical Narratives; (3rd) Theoretical-Methodological Considerations in Light of Fritz Schütze's Approach. From such tracing, it is concluded that the present theoretical-methodological proposal can greatly contribute to research in Human and Social Sciences, and this study is highlighted as a referential text regarding Fritz Schütze's Autobiographical Narrative Analysis.

**Keywords:** Narrative Analysis; Autobiographical Narrative Analysis; Qualitative Research; Research in Human and Social Sciences.

**Nota da Editora.** Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

## Introdução

A Análise de Narrativas Autobiográficas desempenha um papel fundamental na compreensão das complexidades da experiência humana, oferecendo uma perspectiva ímpar e subjetiva, em pesquisa, tanto sobre as dimensões individuais quanto sobre as dimensões coletivas da vida em sociedade (SCHÜTZE, 1976; 2014).

No âmbito desse método de investigação, a contribuição pioneira de Fritz Schütze emerge como um

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Psicólogo Sanitarista (UFBA). Doutor em Saúde Coletiva (UFBA). Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sendo Membro-Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre a Desigualdade Social (LEDS), no âmbito do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde (PPGICS/UNIFESP); e Membro-Pesquisador do Núcleo de Estudos Reflexivos de Palmares (NERP), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais (PPGSSPS/UNIFESP).

Email de correspondência: renan.rocha@unifesp.br

Recebido em: 11/01/2024. Aceito em: 12/04/2024.

farol, lançando luz sobre as nuances e peculiaridades que permeiam as histórias de vida, mas também sobre como histórias de vida possuem, em si, uma capacidade de mimetizar histórias, em verdade, também coletivas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002; KÖTTIG; VÖLTER, 2014). Ao fundamentar sua abordagem em uma compreensão fenomenológica e interpretativa (posteriormente ampliada por outras matrizes de pensamento), Schütze proporciona, então, um arcabouço teórico robusto que se revela vital na expressão da Análise de Narrativas Autobiográficas, enquanto método de pesquisa (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

Um diálogo fecundo se estabelece, por conseguinte, entre a abordagem de Schütze e o pensamento bakhtiniano, delineando uma rica tessitura entre a(s) Análise(s) de Narrativa(s) e a teoria bakhtiniana da linguagem (SCHÜTZE, 1976; BAKHTIN, 2008; GERMANO; BESSA, 2010; KÖTTIG; VÖLTER, 2014; SCHÜTZE, 2014; SANTOS; TORGA, 2020).

O enfoque de Mikhail Bakhtin na dialogicidade e na polifonia oferece uma lente conceitual valiosa para a compreensão das dinâmicas interativas presentes nas narrativas (inclusive as autobiográficas) – o que faz de Bakhtin uma espécie de “matriz originária” para muitas pesquisadoras e pesquisadores da área de Narrativas (GERMANO; BESSA, 2010; SANTOS; TORGA, 2020). A análise de Schütze, assim, encontra afinidades profundas com a visão bakhtiniana que lhe antecede, ampliando as possibilidades interpretativas e a compreensão das vozes entrelaçadas que compõem a tapeçaria das narrativas de vida em pesquisa – o que torna elementar compreender Bakhtin, para compreender Schütze.

Contudo, a evolução e o aprimoramento dessa abordagem não são estáticos, nem estão submetidos apenas a estes dois pensadores, e uma etapa significativa desse desenvolvimento emerge, de tal modo, a partir dos estudos de Martin W. Bauer e Sandra Jovchelovitch (2002). No contexto brasileiro, e também em diálogo com o filósofo russo, a dupla de pesquisadores amplia e enriquece a perspectiva inicial de Schütze, incorporando elementos metodológicos específicos – a exemplo da Entrevista Narrativa – lócus onde suas contribuições não apenas contextualizam a Análise de Narrativas Autobiográficas em um cenário global diversificado, mas também promovem uma compreensão mais profunda das interseções entre as histórias pessoais e os contextos sociais mais amplos – aportando, por exemplo, e de forma mais estruturada, a Entrevista Narrativa enquanto um recurso da pesquisa com narrativas, de forma geral.

Neste artigo, isto posto, metodologicamente estruturado enquanto um ensaio teórico-metodológico<sup>1</sup> (MENEGETTI, 2011), exploraremos as contribuições fundamentais da Análise de Narrativas Autobiográficas de Fritz Schütze (1976; 2014), destacando os aprimoramentos introduzidos por Martin W. Bauer e Sandra Jovchelovitch (2002) no contexto brasileiro. Além disso, investigaremos as convergências entre essa abordagem e o pensamento de Mikhail Bakhtin, desvelando as complexidades e sinergias que emergem no bojo da pesquisa com narrativas autobiográficas.

## Fritz Schütze, Mikhail Bakhtin e as narrativas em ciências humanas e sociais

Fritz Schütze, sociólogo alemão, doutor em Sociologia pela Universidade de Münster e livre-docente pela Universidade de Bielefeld, na Alemanha, desde 2009, é professor emérito do Instituto de Sociologia da *Otto-von-Guericke-Universität Magdeburg*, também na Alemanha (KÖTTIG; VÖLTER, 2014).

Schütze (1976; 2014) desenvolveu um método de produção e análise de dados essencialmente orientado pela prerrogativa da produção e análise de narrativas como uma ferramenta de reconstituição de histórias, memórias, fatos e contextos, pregressos e atuais, no qual se concebe que estas narrativas produzidas e analisadas revelam uma correlação constante entre linguagem e experiência, entre discurso

<sup>1</sup> Sobre o ensaio teórico-crítico enquanto um método de escrita acadêmica e científica, diz-nos Meneghetti (2011) que, em ensaios, “não é preciso uma conclusão no sentido tradicional; cada parte é uma conclusão por si mesma” (p. 330). Logo, ao desenvolvermos metodologicamente um ensaio, não se trabalha com matrizes metodológicas convencionais, compostas por passos rigorosamente estabelecidos - o que é próprio a certos tipos de pesquisa, mas não a todas - de forma que “são geradas as próprias conclusões para as reflexões anunciadas inicialmente em forma de questionamentos” (p. 330). Isto significa dizer que, na radicalidade do método proposto, aqui procuraremos versar sobre a Análise de Narrativas Autobiográficas de Fritz Schütze de forma ensaística; longe da proposição de conclusões rotundas ou irremediáveis sobre o “como fazer” de tal método.

e conjuntura social, econômica, política, histórica, cultural e ambiental; ou, em outras palavras, entre “história” e capacidade de “narrar” (reproduzir/representar/simbolizar) a realidade (SCHÜTZE, 1976; KÖTTIG; VÖLTER, 2014; SCHÜTZE, 2014; ROCHA; TORRENTÉ; COELHO, 2021).

Schütze (1976; 2014) compreende que, pelo acesso às narrativas produzidas por diferentes sujeitos, ampliamos a possibilidade de acesso em pesquisa a contextos específicos e fatos históricos que envolvem determinados sujeitos e suas coletividades. Partindo-se desta afirmação, o mesmo estrutura o que, posteriormente, denominou-se como Análise de Narrativas Autobiográficas, corpo teórico-metodológico do campo das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (mas, hoje, ampliado a diversas outras áreas do conhecimento), cuja técnica básica para a produção e análise de dados é o minucioso trabalho de destrinchar narrativas em categorias analíticas reconstituintes da determinada realidade e/ou conjuntura em análise.

Essa centralidade com relação ao estudo das narrativas no bojo das Ciências Humanas e Sociais, todavia, não é prerrogativa exclusiva ou mesmo primeira de Schütze. Ao analisarmos a obra de Mikhail Bakhtin (2008), filósofo russo tido como um dos teóricos mais influentes do século XX, vê-se uma notória atribuição de importância central às narrativas em sua representação da linguagem e da comunicação de uma determinada sociedade.

Para Bakhtin (2008), as narrativas não são meramente formas de transmissão de informações, mas sim espaços dinâmicos de interação, nos quais vozes diversas podem convergir e dialogar. Sua teoria da dialogicidade, por exemplo, destaca a natureza polifônica das narrativas, nas quais diferentes perspectivas, valores e vozes coexistem, formando um tecido complexo de significados – na medida em que, apesar de polifônica, trata-se de uma natureza coletivamente compartilhada no laço social. Essa perspectiva revela uma compreensão da linguagem como um fenômeno social, econômico, político, histórico, cultural e ambiental, moldado por interações, também elas, sociais, econômicas, políticas, históricas, culturais e ambientais.

Bakhtin (2008) também enfatiza a natureza heteroglótica das narrativas, reconhecendo a multiplicidade de vozes e estilos que permeiam as histórias contadas. Para ele, as narrativas, logo, não são monológicas, mas sim dialogadas, emergindo de uma interação constante entre diferentes discursos presentes no laço social. Essa abordagem ressalta a importância das narrativas como espaços de negociação de significados e como reflexos das complexidades inerentes à vida social – na medida em que não são, sobretudo, meras acepções individuais sobre o mundo. Pela visão bakhtiniana, vemos, deste modo, as narrativas como locais privilegiados para a expressão da diversidade, mas também da coletividade, para a compreensão da natureza dinâmica da linguagem de uma determinada sociedade sobre ela mesma.

Além disso, convém destacar que as narrativas desempenham um papel crucial na construção da identidade individual e coletiva. Bakhtin (2008) destaca, por conseguinte, a maneira como as histórias pessoais e sociais se entrelaçam, formando uma teia de significados que contribui para a formação da consciência e da compreensão de si mesmo e do mundo – algo que também vemos na compreensão de Schütze (1976; 2014). Assim, tanto para um quanto para outro, as narrativas são fundamentais não apenas como veículos de comunicação, mas como arenas complexas onde a multiplicidade de vozes e a interação constante moldam a linguagem e a compreensão do ser humano em sua relação com os outros e com a sociedade.

Aqui, destacamos como ambos os autores são atores e testemunhas de uma assunção das narrativas como elementos suficientemente significativos e representantes para uma leitura, a partir das Ciências Humanas e Sociais, sobre a experiência humana, em sua mediação individualidade-coletividade.

O pensamento de Bakhtin (2008), particularmente posta a sua ênfase na dialogicidade, na polifonia e na natureza heteroglótica das narrativas (como já frisamos), serve como alicerce significativo para a abordagem de Fritz Schütze, na Análise de Narrativas Autobiográficas.

Assim como Bakhtin (2008), Schütze (1976; 2014) reconhece a complexidade das interações sociais, econômicas, políticas, históricas, culturais e ambientais na construção das narrativas de vida. A concepção

schütziana sobre as histórias autobiográficas como espaços onde vozes individuais e coletivas se entrelaçam reflete, de tal modo, direta ou indiretamente, a influência do pensamento bakhtiniano – influência esta, inclusive, que pode ver-se expressa em sua vertente mais macroscópica, como uma matriz de pensamento que impactou toda a produção de saber-fazer nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais no século XX.

Isto dito, constatamos que a visão de Schütze (1976; 2014) de que as histórias de vida têm a capacidade intrínseca de mimetizar histórias coletivas também ecoa o enfoque de Bakhtin (2008) na multiplicidade de vozes presentes nas narrativas. Por sua vez, a influência fenomenológica e interpretativa de Schütze, ao proporcionar uma compreensão aprofundada das experiências individuais, alinha-se, com salvaguardas, com a visão de Bakhtin (2008) sobre a riqueza da interação dialógica na linguagem. Portanto, não podem nos restar dúvidas quanto à influência do filósofo russo sobre o pensamento do sociólogo alemão.

Desse reconhecimento da importância das narrativas, como fundamentado na leitura atenta dos autores já citados, vemos postas as bases que nos levarão ao método de pesquisa desenvolvido por Fritz Schütze: Schütze (1976; 2014) não apenas reconhecerá a centralidade das narrativas na compreensão da experiência humana, mas também estabelecerá um método investigativo específico que privilegia o estudo aprofundado de tais narrativas; destacando-se as autobiográficas.

A partir do entendimento de que as histórias de vida encapsulam não apenas experiências individuais, mas também refletem narrativas coletivas, o sociólogo alemão propõe uma abordagem metodológica que destaca a complexidade e a interconexão das dimensões aqui já bem frisadas e, dessa forma, seu método emerge como um reflexo do reconhecimento progressivo, produzido ao longo do século XX, da riqueza intrínseca contida nas narrativas, especialmente as autobiográficas, proporcionando-nos uma ferramenta às pesquisadoras e pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais para explorar as nuances das experiências humanas através de tal prisma – como veremos a seguir.

## **Fritz Schütze e a análise de narrativas autobiográficas**

Para pensar sobre a Análise de Narrativas Autobiográficas, tomemos primeiro as observações de Fritz Schütze (1976; 2014) quanto ao trabalho investigativo com narrativas em Ciências Humanas e Sociais.

Diz-nos ele, em primeira instância, da necessidade de reconhecer que as pessoas narram coisas. Estas coisas, em geral, são histórias, lidas como significativas ao narrador, às vezes por desejo próprio, mas via de regra por solicitação de outrem. Isto posto, o informante não é mero reproduzidor de uma história sem sentido e sem desejo; ele é porta-voz de uma intenção, que é a de capturar o ouvinte (ou, em pesquisas, o pesquisador) ante a história que, porventura, irá contar. Sobre esta “habilidade” de narrar, diz-nos ele, portanto, que: “Em interações diretas no universo cotidiano, o narrador pode constatar, de modo simples e flexível, as informações que o ouvinte necessita para poder vivenciar de forma mediada a história a ser contada” (SCHÜTZE, 2014, p. e14). Isto, a priori, confere ao narrador um certo lugar de legitimidade para a narração, já que este é, sobretudo, assenhorado de sua própria história, sendo então o sujeito mais representativo para contar aquilo que lhe é solicitado.

Aditivamente, dialogando com estes estudos de Schütze (1976; 2014), em termos da legitimidade do narrador diante de sua própria história, Maria Passeggi, Gilcilene Nascimento e Roberta de Oliveira (2016), pesquisadoras do uso de narrativas autobiográficas na pesquisa em Educação, junto à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), afirmam que:

O uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela (PASSEGGI; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016, p. 114).



Legitimar os sujeitos, todavia, como suficientes narradores das histórias de suas vidas, muito embora possa parecer movimento óbvio aos olhos de algumas pesquisadoras e pesquisadores nas Ciências Humanas e Sociais em geral, não é um movimento simples em termos da produção de pesquisas acadêmico-científicas no Brasil e no mundo.

Há, em certos momentos, uma compreensão de que a pesquisa qualitativa que se baseia na narração de determinados sujeitos tenderá a produzir dados “enviesados” (por assim dizer), a partir de olhares unilaterais, pouco representativos da realidade enquanto coletividade – pensamento este que, em verdade, dizem-nos alguns estudos, revela muito mais sobre os já conhecidos tensionamentos entre as pesquisas de tipo qualitativo e quantitativo, e sobre o debate acerca do “rigor científico” de caráter universalizante e hegemônico, do que uma efetiva preocupação com a materialidade e a representatividade dos dados com os quais se trabalha (PASSEGGI; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016; FERNANDES *et al.*, 2017).

É precisamente neste ponto que o pensamento e a produção teórico-metodológica de Schütze (1976; 2014) irá produzir abalos, na medida em que o autor parte, em uma leitura extremamente sociológica e linguística, da compreensão de que afirmar histórias como “olhares unilaterais” é desconsiderar o caráter profundamente coletivo e social dos sentidos que subjazem à própria capacidade de contar uma história. Em outras palavras: uma história só pode ser contada por signos socialmente compartilhados, o que torna toda e qualquer história, invariavelmente, alguma espécie de reflexo da realidade e da conjuntura em que as mesmas se localizam (quando do tempo dos fatos narrados, mas também quando do tempo da própria narração).

Do reconhecimento da potência daquilo que o autor afirma, o seu pensamento, desde a década de 1970, foi e vem ganhando cada vez mais espaço no cenário das pesquisas qualitativas, inclusive no Brasil. No estudo de Gisele Cristina Manfrini Fernandes, Ivonete Teresinha Schülter Buss Heidemann, Maria Fernanda Baeta Neves Alonso da Costa, Renata Machado Becker e Astrid Eggert Boehs (2017), pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que vem se utilizando e produzindo sobre a utilização da pesquisa com narrativas no campo da saúde (e, mais especificamente, na Enfermagem), vê-se esta constatação, em que:

(...) os pesquisadores brasileiros na área da saúde têm buscado autores para alavancar os métodos de entrevista e análise das narrativas. Um dos autores que despertou a atenção foi o sociólogo Fritz Schütze, com suas publicações acerca das análises das narrativas. O método do referido autor tem como base o Interacionismo Simbólico, a Fenomenologia Social e a Etnometodologia Social. Sob esta perspectiva, o autor entende que *a explicação dos fenômenos sociais não pode prescindir da perspectiva dos indivíduos*. Desta forma, Schütze e seu grupo de trabalho contribuíram para a retomada da pesquisa biográfica (FERNANDES *et al.*, 2017, p. 02, grifo nosso).

Isto posto, a partir das lentes do método de Schütze (1976; 2014), o que se afirma é a inevitabilidade de considerar que uma história é rascunho, recorte e retrato de uma vida e de um sujeito, sim, mas também do contexto, da realidade e da conjuntura em que este mesmíssimo sujeito se insere; logo, sua fala, suas histórias, seu ato de narrar podem ser significativamente importantes para a recomposição de um dado contexto para o qual queremos, por algum motivo (inclusive em pesquisa), olhar, regressar. Ou seja: “(...) a análise das narrativas está direcionada para os elementos centrais que moldam as biografias e que são relevantes para a compreensão das posições e papéis ocupados na estrutura social”, e, precisamente por isso, tal método torna possível uma “(...) compreensão dos contextos nos quais as narrativas foram construídas, e os fatores que produzem as mudanças e motivam as ações no curso da vida” (FERNANDES *et al.*, 2017, p. 02).

Entretanto, registre-se: nem toda história necessariamente será, na perspectiva de Schütze (1976; 2014), suficientemente válida para ser tomada como objeto de análise do método. Diz-nos o autor que é preciso que as histórias sejam contadas do lugar de quem as viveu, pois isto imprime nestas narrações

elementos que compõem o todo da história enquanto ensejo de captura daquele que ouve ou lê a mesma. Assim, na mesma medida em que há uma grande valorização das histórias e da capacidade dos sujeitos em narrá-las, há uma preocupação com a:

(...) qualidade do tipo de narrativa, a saber, a apresentação de histórias *vivenciadas pessoalmente*. Apenas em histórias vivenciadas pessoalmente o narrador pode levar em consideração, de modo extraordinariamente amplo e flexível na respectiva situação, aspectos e avaliações do conteúdo da narrativa bem como a dosagem dos detalhes do conteúdo da narrativa (...) – sem perder de vista a ‘forma’ da história em seu conjunto (SCHÜTZE, 2014, p. e16, grifo do autor).

Isto erige ante a nós dois critérios importantes para uma análise de narrativas adequadamente operada, conforme o método com o qual temos dialogado:

(a) O primeiro critério será o de que uma narrativa suficientemente significativa para o método não se dá do lugar de quem “analisa uma história de outrem”, mas sim de quem conta um fato, vivido ou, no máximo, assistido *per si*, que até pode vir acompanhado de análises, mas, sobretudo, se constitui dos elementos básicos com os quais uma narrativa se compõe – enredo, espaço, tempo, personagens e narrador (VIEIRA, 2001).

(b) Absolutamente mais relevantes, nos diz subsequentemente este segundo critério, serão as “narrativas de si mesmo”. Na medida em que um sujeito conta uma história sua, vivida em todos os detalhes por si mesmo, este sujeito torna-se capaz de apresentar a sua história como ninguém mais será capaz de fazê-lo; e, ao mesmo tempo, tudo o que lhe cerca a vida apresentar-se-á em sua narrativa, constituída, por conseguinte, não somente do fato narrado, mas de todos os seus pensamentos, sentimentos, afetos, desafetos, medos, anseios, alegrias, tristezas, gozos, felicidades etc. – estes últimos, por sua vez, manifestados como produtos das relações sociais em que o narrador se insere. Aqui, inclusive, apresentar-se-á, por óbvio, uma forte valorização de um tipo próprio de narrativa, que estamos a defender: as narrativas autobiográficas.

Ora, ao concatenar estes dois critérios – que, em síntese, representam “forma” e “conteúdo”, de maneira intimamente relacionada – para reconhecer uma história como suficientemente significativa para uma análise, Schütze (1976; 2014) evidencia o narrador como alguém outorgado do direito de representar a sua realidade, mas também a realidade que o circunscreve, fazendo deste sujeito, enfim, o que ele chama de um “portador da história”. Este sujeito-narrador “porta a história” na medida em que é “dono” dela, mas também representante social de tudo o que ela esconde e revela sobre o tempo, o espaço e a conjuntura de seus acontecimentos.

Esta formulação de um sujeito-narrador que é, ao mesmo tempo, portador e representante de uma história, mediada individual e socialmente, é fundamental, afinal:

Uma história precisa mostrar ao menos *uma* unidade social – normalmente, ao menos *um* indivíduo – que, como paciente e agente contínuo (...), concatena mutuamente os acontecimentos narrados através de transformações processuais de seu estado psíquico e social: [é] o portador da história (SCHÜTZE, 2014, p. e17, grifo do autor).

Por assim defender, Schütze (1976; 2014) nos levará à compreensão de que toda a narração de uma ou mais histórias “(...) contém não só uma figura conjunta de acontecimentos passados, mas também uma mediação implícita desses acontecimentos com constelações de problemas especiais ou mais globais” (SCHÜTZE, 2014, p. e18). Logo, em uma narrativa, destacando-se as autobiográficas, sujeito e sociedade se misturam sem se confundirem, e aparecem ambos como elementos vitais da história (auto)narrada.

Do lugar de pesquisador, negligenciar em pesquisa, desta forma, uma análise da sociedade, da economia, da política, da cultura, da história e do ambiente em uma determinada (auto)narrativa seria um erro analítico substancial, na medida em que se perde parte vital da compreensão coletiva que o pesquisador pode produzir a partir do material que tem em mãos; e igualmente negligente seria desconsiderar as dimensões subjetivas em uma história (auto)narrada, privilegiando uma visão homogeneizante da experiência social, posto que se perderia a análise do quanto certos sujeitos, com certos marcadores sociais, vivenciam um mesmo fato histórico de maneiras muito diferentes, a partir do lugar de onde vivem e falam.

Outrossim, diz-nos Schütze (1976; 2014) que, ao proceder com um primeiro olhar sobre uma narrativa autobiográfica que será analisada, o primeiro movimento do pesquisador deve ser o de: “(...) observar a circunstância na qual o narrador apresenta a figura da história em associação com interpretações e avaliações próprias” (SCHÜTZE, 2014, p. e20). E note-se: estas “interpretações e avaliações próprias” dizem tanto das do narrador, quanto das do pesquisador.

Ou seja: de um lado, ao observar o narrador, há de se avaliar quem fala, de onde fala, como fala, porque fala, etc.; e, do outro lado, há de se observar quem escuta/lê, de onde escuta/lê, como escuta/lê, porque escuta/lê, e como este que escuta/lê está diante dos conhecimentos acadêmico-científicos acerca da temática em que a história (auto)narrada se assenta; se falamos, sobretudo, de uma leitura sob o prisma de uma pesquisa – já que tais conhecimentos, inclusive, darão lastro à análise que virá a ser realizada. Estes são pedaços constituintes da análise, e também não podem ser negligenciados, haja posto que “(...) narrativas só podem ser desenvolvidas, compreendidas e analisadas de maneira significativa no âmbito de um modelo de ação interacional” (SCHÜTZE, 2014, p. e23).

Nestes termos, e posta a discussão de Fritz Schütze (1976; 2014) quanto às narrativas autobiográficas, destacando a relevância de seu método para a compreensão aprofundada da experiência humana, no próximo tópico, voltaremos a nossa atenção mais especificamente para considerações mais objetivas sobre a aplicação prática desse método nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Exploraremos como os princípios e a abordagem metodológica propostos por Schütze, e ampliados na leitura de Jovchelovitch e Bauer (2002) à realidade brasileira, podem ser efetivamente incorporados em estudos acadêmicos, enriquecendo, assim, a compreensão e a interpretação das narrativas humanas em seus diversos e múltiplos contextos possíveis.

## Considerações teórico-metodológicas à luz da abordagem de Fritz Schütze

Pelos motivos até então apresentados, somando-se ao que já foi discutido neste artigo até aqui, cremos, doravante, bem demonstrada a relevância do uso da Análise de Narrativas Autobiográficas para pensar e pesquisar a partir das Ciências Humanas e Sociais. Cremos constatado que “a narrativa é, desde o início, ligada à possibilidade da interação humana e à dimensão pública: a possibilidade de estar-com-outras de uma maneira registrada” (COULDRY, 2015, p. 64), e, logo, olhar para estas narrativas, a partir do prisma das Ciências Humanas e Sociais, nos permite, com considerável largura, “compreender as estruturas de processos pessoais e sociais de sofrimento e, [além disso,] identificar recursos de enfrentamento” (BRILHANTE *et al.*, 2019, p. 03).

Decerto que o nosso objetivo, nesta elucubração teórico-metodológica, não é o de defender a Análise de Narrativas Autobiográficas como um método “melhor” do que os outros métodos de produção de falas (ou textos) por parte de diferentes sujeitos, acerca de diferentes questões. Contudo, para quem, como pesquisador, se “aventura” na tratativa de narrativas – especialmente as autobiográficas – alerta Schütze (1976; 2014) que este não se trata de um método mecânico, devendo a perspectiva de compreensão da díade sujeito-sociedade como uma espécie de unidade social, necessariamente manifestada a partir da mediação entre memória e linguagem, estar presente a todo o tempo. Vide:

A narração de histórias deve ser vista como uma forma particularmente complexa da ação social e não pode ser analisada de modo reducionista, extraída do contexto da ação, o que é possível na análise de performances discursivas de determinados questionamentos linguísticos (SCHÜTZE, 2014, p. e24).

De posse destas defesas, e tendo muito bem demarcada a relevância do uso de narrativas – com destaque às autobiográficas – em pesquisas como fontes de dados suficientemente relevantes, sobre a representatividade social das narrativas, para quem ainda mantenha dúvidas, Schütze (1976; 2014) erige, então, um último questionamento, que é: “até que ponto os narradores ou a totalidade dos narradores de um agregado social têm condições de processar retrospectivamente suas próprias experiências com acontecimentos sociais e transmiti-los comunicacionalmente?” (SCHÜTZE, 2014, p. e39). E ele mesmo responde: “(...) a competência narrativa pressupõe os estratos da competência comunicacional em sentido mais amplo (incluindo a competência social básica e interacional)” (SCHÜTZE, 2014, p. e40).

Isto reforça o sentido de que narrativas autobiográficas podem ser ótimos estratos analíticos da sociedade e de questões coletivas, cumprindo, então, às pesquisadoras e pesquisadores das narrativas fazerem-se valer delas para esta representação da sociedade e dos dilemas e contradições em que esta se insere. Se assim o reconhecermos, seremos capazes de utilizarmos-nos das narrativas em toda a sua potência de representação social – fazendo delas, quiçá, em contextos marcados por narrativas da violência e das violações de direitos, por exemplo, pontes para a transformação social, para a construção de outras histórias, e para a produção de outras narrativas.

Mas, então, quais são as etapas básicas que constituem a Análise de Narrativas Autobiográficas, enquanto método de pesquisa qualitativa ancorado nas concepções de Fritz Schütze (1976; 2014)? Cumpre-nos, deste momento em diante, apresentar estas etapas básicas em maiores minúcias – e em diálogo com pesquisadoras e pesquisadores que já vem se debruçando sobre tal abordagem metodológica previamente. Vejamos.

Para responder à questão supracitada erigida, passaremos à sua explicitação a partir do quadro<sup>2</sup> a seguir, que procura sintetizar pedagogicamente o método, utilizando, para tal, as contribuições de Jovchelovitch e Bauer (2002). Sobre estes últimos, convém salientar que são dois dos principais representantes do pensamento e do método de Fritz Schütze no Brasil – motivo pelo qual os priorizamos no diálogo metodológico aqui proposto – sendo Sandra Jovchelovitch uma psicóloga social brasileira, e Martin W. Bauer um psicólogo social suíço, ambos docentes e pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no Brasil, e da *London School of Economics and Political Science* (LSE), na Inglaterra.

<sup>2</sup> Este quadro é uma produção do autor do presente estudo, no esforço de síntese metodológica da proposta da Análise de Narrativas Autobiográficas de Fritz Schütze (1976; 2014), em franco diálogo com as proposições de Jovchelovitch e Bauer (2002). Não obstante, é importante salientar que esta não é uma compreensão necessariamente harmônica entre os autores brasileiros, ou mesmo nas pesquisas internacionais, havendo eventuais diferenças nas exposições metodológicas, em diferentes pesquisas. Logo, o que se apresentará aqui é uma possibilidade modelar, mas esta não deve ser tomada como única, e nem outras possibilidades devem ser tomadas como equivocadas.



**Quadro 01.** Operacionalização das Etapas da Análise de Narrativas Autobiográficas.

Etapa	Operacionalização
1ª: Aproximação Preliminar com o Campo	<p>“Primeiramente, o pesquisador necessita criar familiaridade com o campo de estudo. Isto pode implicar em ter de se fazer investigações preliminares” (Jovchelovitch; Bauer, 2002, p. 97, grifo nosso).</p> <p>Desta investigação, o pesquisador deve, então, (re)conhecer o campo em que estará adentrando, localizando-se em termos das principais autoras e autores de base, principais teorias, principais práticas, etc. Esta primeira aproximação ainda não necessita de estrutura formalizada e/ou pormenorizada, podendo conduzir-se de maneira mais introdutória e livre – muito embora, <i>pari passu</i>, possa servir (também) como uma espécie de introdução à fundamentação teórico-crítica da pesquisa que será realizada.</p>
2ª: Delineamento Metodológico	<p>Em um segundo momento, espera-se que o pesquisador, de posse das informações preliminares produzidas na primeira etapa, possa estruturar um desenho metodológico para a pesquisa que será realizada. Deve fazê-lo “(...) com base nestes inquéritos iniciais, e em seus próprios interesses” (Jovchelovitch; Bauer, 2002, p. 97, grifo nosso).</p> <p>Logo, este desenho metodológico deve ser flexível, mas também já indicar modos para a aproximação estruturada com o campo (evidenciando possíveis descritores indexados adequados para a etapa de aproximação estruturada com o campo que virá logo a seguir, por exemplo).</p>
3ª: Aproximação Estruturada com o Campo	<p>Como elemento indispensável para o encontro com as narrativas, qualificando-se o desenho metodológico preliminar, faz-se necessária uma aproximação estruturada com os dados produzidos em nível acadêmico-científico (Jovchelovitch; Bauer, 2002); e dentre os modelos possíveis para tal, destacar-se-á a Revisão Sistemática da Literatura (Galvão; Pereira, 2014).</p> <p>A Revisão Sistemática da Literatura possibilita uma evidência dos dados indexados sobre a temática em tela, ampliando o conhecimento sobre o campo, e o desenvolvimento de bases categóricas fundamentais de análise. Em diálogo com a fundamentação teórico-crítica, dá lastro para o traçado das categorias de análise em si, que surgem do encontro com as narrativas.</p>
4ª: Aplicação Estruturada do Método e Análise e Discussão dos Resultados	<p>De posse dos dados preliminares (e, em sendo o caso, da fundamentação teórico-crítica), do desenho metodológico e dos dados estruturados da Revisão Sistemática da Literatura (dados indexados), torna-se possível desenvolver categorias apriorísticas de análise, que deverão ser finalizadas e analisadas em conjunto com as narrativas produzidas que estejam à mão do pesquisador (dados não indexados) (Jovchelovitch; Bauer, 2002).</p> <p>Deste encontro, nascem as categorias analíticas finais, que serão utilizadas para a redação da Análise e da Discussão dos Resultados finais da pesquisa, permitindo o fechamento de suas conclusões.</p>

Fonte. Elaboração do autor, 2024.

Como é possível notar, destacamos que as três primeiras etapas dizem respeito a momentos de preparação para o contato com o “campo” (mesmo em pesquisas com dados secundários). Assim, expõem Renan Vieira de Santana Rocha, Mônica de Oliveira Nunes de Torrenté e Maria Thereza Ávila Dantas Coelho (2021), em pesquisa anterior realizada a partir da Análise de Narrativas junto à Universidade Federal da Bahia (UFBA), que a construção da pesquisa, pela via deste método, perpassa, em um primeiro momento, por “um levantamento extenso das principais referências teóricas que constroem a fundamentação teórica do estudo a ser realizado”, que dá lugar, em sequência, a “um levantamento sistemático dos principais estudos na área publicados ao longo dos últimos anos, em termos da reconstituição do que se chama de estado da arte” (2021, p. 78).

Tal processo permitirá a criação de bases categóricas fundamentais apriorísticas (ou “previsíveis”), derivadas dos chamados “dados indexados” (dados que advêm das questões *exmanentes*, questões já postas pelo campo, a partir de pesquisas e estudos anteriores), bases essas que permitirão a comparação dos dados já produzidos na literatura acadêmico-científica com os dados evidenciados no trabalho de campo – os chamados “dados não indexados” (dados que advêm das questões *imanentes*, questões ainda não postas pelo campo, derivadas das narrativas em análise na pesquisa).

Isto resultará, nas palavras dos supracitados autores, no seguinte:

Aos dados indexados, somam-se os dados não indexados, aqueles que, diferentemente dos primeiros – previsíveis a partir da literatura científica – se insurgem no processo de pesquisa, a despeito de estarem ou não sistematizados em estudos anteriores. Desta forma, as categorias analíticas finais, que fundamentarão [a análise e] a discussão dos resultados encontrados, serão a composição final entre os dois tipos de dados aqui descritos (ROCHA; TORRENTÉ; COELHO, 2021, p. 79).

Os dados indexados, portanto, dizem respeito ao conhecimento de ordem mais estruturada e, logo, mais facilmente classificáveis; destoando precisamente dos dados não indexados quanto à carga subjetiva e de valoração narrativa destes últimos, já que são produzidos integralmente a partir da leitura atenta da experiência narrada. Todos esses dados, contudo, previsíveis ou não, devem obrigatoriamente ser levados em conta na produção das categorias analíticas finais que, somente assim, podem ser conclusas, dando lugar, da observação conjunta do que foi produzido, às análises de arremate da(s) narrativa(s) da pesquisa que estiver sendo conduzida – ou seja, à última etapa, que nominamos como “Aplicação Estruturada do Método e Análise e Discussão dos Resultados”.

Sendo fiel às nomenclaturas do método, este percurso tornará possível, já em seu desfecho, deslocarmos-nos das narrativas individuais, presentes nas narrativas não analisadas dos informantes, para o estabelecimento de categorias que refletem a realidade social mimetizada nas narrativas individuais – agora, sim, analisadas – permitindo uma passagem do que se chamará de “*trajetórias (ou narrativas) individuais*” para “*trajetórias (ou narrativas) coletivas*”, na medida em que refletem o contexto social, econômico, político, histórico, cultural e ambiental em que se encontram inseridas. É precisamente da análise destas “narrativas-trajetórias” que nascem as possibilidades de conclusões da pesquisa em questão<sup>3</sup>.

Como se vê, o método de Análise de Narrativas Autobiográficas de Fritz Schütze (1976; 2014), em acordo com as recomendações de Jovchelovitch e Bauer (2002), é um método rico e, cremos, bastante bem fundamentado, permitindo ao pesquisador relativa planificação e segurança quanto ao tratamento dos dados e à produção de suas decorrentes análises e discussões. Cumpre ao pesquisador, contudo, tornar possível a execução da pesquisa em sua melhor maneira, mas cuidando para evitar possíveis engessamentos analíticos decorrentes do próprio método. A despeito disso, a consecução adequada

<sup>3</sup> Para a produção das categorias, pode-se lançar mão de recursos adicionais que colaborem com a organização dos dados levantados e/ou produzidos – a exemplo de programas já clássicos no tratamento de dados em pesquisas qualitativas no campo das Ciências Humanas e Sociais, como o SPSS Statistics (Statistical Package for the Social Sciences) e/ou o Qualitative Data Analysis Software (NVivo – QSR International).

destas etapas torna possível conduzir a pesquisa, em conformidade ao método, do início ao fim – e apresentamos esta estruturação de forma mais esmiuçada no presente estudo como forma de dialogar com pesquisadoras e pesquisadores, nacionais e internacionais, que tem nas narrativas a matéria-prima basilar de seus estudos.

## Considerações finais

À guisa de arremate, neste estudo, preliminarmente, destacamos as significativas aproximações entre as abordagens de Fritz Schütze e Mikhail Bakhtin, evidenciando a riqueza da interseção entre a teoria schütziana e a teoria bakhtiniana, para exaltar o uso de narrativas nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. A influência do pensamento de Bakhtin na concepção de Schütze ressalta-se na valorização das vozes plurais e na compreensão das narrativas como produtos dialógicos – o que cremos ter bem evidenciado ao longo do estudo.

A abordagem metodológica de Schütze para a Análise de Narrativas Autobiográficas, por corolário, revela-se perspicaz, oferecendo uma estrutura robusta que vai além da mera análise textual, adentrando a complexidade das experiências narrativas, têmporo-espacialmente localizadas. Sua proposta metodológica, com raízes fenomenológicas (mas não só), permite uma imersão profunda nas histórias de vida, enriquecendo a compreensão das dimensões individuais e coletivas presentes nestas mesmas histórias. De tais constatações e reconhecimentos, propomos, outrossim, uma estruturação específica, quase-que-pedagógica, para facilitar o diálogo e a aplicação do método aqui escolhido em diversos e diferentes cenários sociais, tornando-o acessível a outras pesquisadoras e pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais. Essa abordagem estruturada proposta, por óbvio, visa não homogeneizar, mas sim propor e promover uma disseminação maior do método, incentivando a sua adoção em futuras pesquisas.

A despeito disto, reconhecemos os limites do método, particularmente em lidar com personalismos inerentes às narrativas autobiográficas. Pesquisas futuras podem explorar ainda mais maneiras de mitigar essas limitações, buscando aprimorar a validade e a confiabilidade do método em diferentes contextos.

Sem embargo a isto, reconhecemos ainda a permanência de outras perguntas soerguidas no vislumbre do presente método selecionado, em que se note: o método apresentado dá conta da análise de narrativas previamente construídas, antes mesmo da idealização de uma determinada pesquisa? E mais: como tem sido a utilização de narrativas previamente construídas na pesquisa qualitativa em geral e, mais particularmente, em outros campos do conhecimento (p.ex.: nas Ciências da Saúde)? Acrescente-se ainda: quando estas narrativas se apresentam na forma de obras artístico-literárias, a exemplo daquelas encontradas no que se tem chamado de “Literatura de Testemunho”, estas podem ser consideradas fontes de dados adequadas para a pesquisa acadêmico-científica?

Acreditamos que estas questões, longe de ganharem uma resposta única e/ou definitiva, representam um alerta necessário e constante às pesquisadoras e pesquisadores do método em tela – e, interessantemente, erigem outros temas a serem desenvolvidos em outros estudos teórico-metodológicos futuros.

Para finalizar, acreditamos que o objetivo do estudo fora cumprido, oferecendo uma contribuição teórico-metodológica honesta ao campo/método. Testemunhamos que a abordagem teórico-metodológica escolhida, inspirada em Fritz Schütze, não apenas amplia a compreensão das narrativas autobiográficas, mas também fornece ferramentas valiosas para pesquisadoras e pesquisadores explorarem as complexidades das experiências humanas de maneira aprofundada e significativa, no macrocampo da Análise de Narrativas. Quiçá pesquisas futuras surjam, inclusive focadas na análise do próprio método, para aprimorá-lo continuamente na realidade brasileira.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Problemas da Poética de Dostoiévski. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 384 p.
- BRILHANTE, Aline Veras Moraes; OLIVEIRA, Luiz Adriano Freitas; LOURINHO, Lídia Andrade; MANSO, Almudena Garcia. Narrativas Autobiográficas de Mulheres com Endometriose: que fenômenos permeiam os atrasos no diagnóstico?. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 03, e290307, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/S0103-73312019290307>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- COULDRY, Nick. O Tempo e as Mídias Digitais: Aprofundamento do Tempo, Déficits de Tempo e Configuração Narrativa. *Parágrafo*, São Paulo, v. 03, n. 02, p. 63-74, 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/rt/captureCite/332/0>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- FERNANDES, Gisele Cristina Manfrini; HEIDEMANN, Ivonete Teresinha Schülter Buss; COSTA, Maria Fernanda Baeta Neves Alonso da; BECKER, Renata Machado; BOEHS, Astrid Eggert. Análise de Narrativas Autobiográficas de Fritz Schütze aplicada à Pesquisa em Enfermagem. *Texto Contexto – Enferm.*, Florianópolis, v. 26, n. 02, p. 01-08, 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/0104-07072017004260015>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- GALVÃO, Taís Freire; PEREIRA, Mauricio Gomes. Revisões Sistemáticas da Literatura: Passos para sua Elaboração. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 23, n. 01, p. 183-184, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742014000100018>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- GERMANO, Idilva; BESSA, Letícia Leite. Pesquisas Narrativo-Dialógicas no Contexto de Conflito com a Lei: Considerações sobre uma Entrevista com uma Jovem Autora de Infração. *Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza*, v. 10, n. 03, p. 995-1033, 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482010000300014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000300014&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 28 nov. 2023.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. A Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.
- KÖTTIG, Michaela; VÖLTER, Bettina. “Isso, sim, é ser sociólogo!”: Uma entrevista narrativa com Fritz Schütze sobre a história de sua obra na sociologia. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 14, n. 2, p. 204–226, 2014. Disponível em: <http://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.2.17840>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- MENEGHETTI, F. K. O que é um ensaio-teórico?. *Revista de Administração Contemporânea*, [S. l.], v. 15, n. 02, p. 320–332, 2011. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/S1415-6552011000200010>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- PASSEGGI Maria; NASCIMENTO Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta de. As Narrativas Autobiográficas como Fonte e Método de Pesquisa Qualitativa em Educação. *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, Portugal, v. 33, n. 33, p. 111-125, 2016. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5682/3579>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- ROCHA, Renan Vieira de Santana; TORRENTÉ, Mônica de Oliveira Nunes de; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. *Saúde Mental e Racismo à Brasileira: Narrativas de Trabalhadoras e Trabalhadores da Atenção Psicossocial*. 1 ed. Salvador: Devires, 2021. 170 p.
- SANTOS, Yuri Andrei Batista; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. Autobiografia e (res)significação. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, [S. l.], v. 15, n. 02, p. 119-144, 2020. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/42467>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- SCHÜTZE, Fritz. Sociological and Linguistic Analysis of Narratives. *Internationales Jahrbuch für Wissens – und Religionssoziologie – International Yearbook for Sociology of Knowledge and Religion*, v. 10, p. 07-41, 1976. Disponível em: <http://www.springer.com/series/11066>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- SCHÜTZE, Fritz. Análise Sociológica e Linguística de Narrativas. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, [S.L.], v. 14, n. 02, p. e11-e52, 2014. Disponível em: <http://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.2.17117>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o Trauma: a Questão dos Testemunhos de Catástrofes Históricas. *Psicol. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 01, p. 65-82, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. O Local do Testemunho. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 02, n. 01, p. 03-20, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/download/1894/1532>. Acesso em: